



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

TECENDO VIDAS, ENSINANDO HISTÓRIA, LEITURAS DE MULHERES:

MEMÓRIA E IDENTIDADES

ANTUNES, Túlio Carlos Silva¹

ARAÚJO, Rafael Nóbrega²

ARAÚJO, Felipe Rodrigues de³

ARAÚJO, Patrícia Cristina de Aragão⁴
Doutora em Educação-UEPB

cristina-aragao21@hotmail.com

RESUMO

Este artigo parte de uma pesquisa cuja perspectiva foi articular, as múltiplas identidades femininas e suas histórias de vida em seus territórios de atuação social, a partir das proposições de uma proposta educativa que educa através de histórias de vida, contribuindo na escola para o ensino de história. Nosso objetivo foi compreender como mulheres que atuam como rezadeira, cordelista e docente em assentamentos, constroem suas identidades de pertencimento, a partir de suas memórias do lugar onde habitam e desenvolvem suas práticas sociais e culturais, cujos saberes-fazer se constituem em conhecimentos importantes de serem inseridos no espaço escolar, no contexto do ensino de história. Partindo deste pressuposto, buscamos problematizar o lugar social destas mulheres, procurando perceber como estes segmentos femininos de diferentes gerações em contextos rurais e urbanos, elaboram suas ações cotidianas nos territórios de seus pertencimentos, na construção de suas identidades de gênero contribuindo na formação docente em história e na perspectiva de um currículo intercultural. Trata-se de uma pesquisa com história oral, em que foram realizadas entrevistas semi-estruturadas com mulheres em três diferentes cidades da Paraíba, para que pudéssemos entender como estas nos cotidianos desenvolvem ações e práticas que na concepção deste estudos, são educacionais. Este estudo é, portanto, resultado de uma pesquisa de Iniciação Científica – Píbic/UEPB, que está em andamento, na qual apresentamos reflexões sobre a relação

¹ Graduando em História. Pesquisador do Grupo de Pesquisa: História, Cultura e Ensino. Pesquisador do Programa de Iniciação Científica – PIBIC-UEPB/CNPq

E-mail: tulio_antuneees@hotmail.com

² Graduando em História. Pesquisador do Grupo de Pesquisa: História, Cultura e Ensino. Pesquisador do Programa de Iniciação Científica – PIBIC-UEPB/CNPq

E-mail: tulio_antuneees@hotmail.com

³ Graduando em História. Pesquisador do Grupo de Pesquisa: História, Cultura e Ensino. Pesquisador do Programa de Iniciação Científica – PIBIC-UEPB/CNPq

E-mail: tulio_antuneees@hotmail.com

⁴ Doutora em Educação. Pesquisadora do Grupo de Pesquisa: História, Cultura e Ensino. Professora da Universidade Estadual da Paraíba.

E-mail: patriciacaa@yahoo.com



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

entre história de vida e saber escolar, nos modos e formas de aprendizagens significativas cujos conteúdos nos permite fazer uma releitura do ensino de história e as contribuições das narrativas orais, para elaboração do saber histórico escolar.

Palavras chave: Mulheres. Identidade. Ensino de história. Memória.

INTRODUÇÃO

Este trabalho se insere no campo das discussões sobre gênero, na perspectiva da identidade, memória, no sentido de enfatizar as práticas culturais e sociais de vida de mulheres em diferentes contextos geracionais, que elaboram modos de atuar e vivenciar suas ações cotidianas a partir do lugar social de seus pertencimentos em territórios rurais e urbanos.

Nosso objetivo foi compreender como mulheres que atuam como rezadeira, cordelista e docente em assentamentos, constroem suas identidades de pertencimento, a partir de suas memórias do lugar onde habitam e desenvolvem suas práticas sociais e culturais a partir de suas memórias do lugar onde habitam e desenvolvem ações e elaboram conhecimentos que se constituem em saberes importantes de serem inseridos no espaço escolar, no contexto do ensino de história.

Partindo deste pressuposto, buscamos problematizar o lugar social destas mulheres, procurando perceber como estes segmentos femininos de diferentes gerações em contextos rurais e urbanos, elaboram suas ações cotidianas nos territórios de seus pertencimentos, na construção de suas identidades de gênero, em que tais discussões contribuem para o ensino de história na abordagem sobre mulheres e suas histórias de vida.

Articular uma pesquisa em história em diálogo com a educação, com enfoque nos estudos sobre as mulheres, nos possibilitou entender as histórias de mulheres muitas vezes invisíveis aos estudos e pesquisas, mas cujos os conhecimentos, trajetórias e suas relações com as comunidades na qual estão inseridas, são importantes, de serem discutidos e conhecidos na escola.



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

Este estudo é, portanto, resultado de uma pesquisa de Iniciação Científica – Píbic/UEPB, na qual participaram mulheres das cidades paraibanas de Barra de Santana, Esperança e Sossego, narrando suas trajetórias de vida e trabalho. O universo vivencial destas mulheres e seus modos de viver e forma de atuação social, nos possibilitou perceber as nuances de suas ações e atitudes, foi, portanto, na contextura de suas vidas que fomos buscar o néctar de nossa compreensão dos saberes femininos, a partir da realidade social paraibana.

A valorização destes conhecimentos propicia articular história de vida e oralidade, como meio de aprendizagem no campo do ensino de história. Deste modo, defendemos a inserção de tais saberes na escola porque eles são movedores de uma proposta educacional que traz para o âmbito da sala de aula, saberes cotidianos alçados nas experiências de vida, delegando a estas, significativa importância, quando inseridas como conteúdo de aprendizagem dos alunos, sobre a história local, propiciando que os discentes tenham contato com os acontecimentos e contextos histórico-sociais de sua realidade social e cultural.

METODOLOGIA

As abordagens metodológicas que apontarão esta pesquisa serão respectivamente a história oral com base nos estudos desenvolvidos por Alberti (2004) e Freitas (2006), em que partindo das narrativas orais como fontes, articulado aos estudos de oralidade. Tendo em vista o delineamento feito, inicialmente foi feita uma pesquisa bibliográfica acerca de textos que versem sobre os aspectos teórico-metodológicos propostos.

Em um segundo momento da pesquisa, foi feito um mapeamento das mulheres que participaram dela e os lugares sociais de trabalho, educação, moradia, lazer e participação destas mulheres, no intuito de contatá-las, informando-as acerca da pesquisa para, em seguida, empreender as entrevistas. Após as entrevistas com as participantes da pesquisa, foram feitas transcrições e análise destas.

Deste modo, a partir dos temas em torno das mulheres no campo da pesquisa histórica e educacional, buscamos as evidências dispostas, cujo conteúdo nos permitiu perceber a



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

representação da mulher em diversas facetas do social. Os estudos que envolvem narrativas orais nos possibilitam iluminar aspectos relativos à representação que as pessoas participantes da pesquisa constroem acerca da temática evidenciada, qual seja, a memória e história dos saberes da tradição oral nordestinas configurados nas representações elaboradas por mulheres (FREITAS, 2006). A memória destas mulheres consiste em um importante espaço de saber para conhecermos a história da própria comunidade a partir de seus modos de articular, interagir e vivenciar o local e os seus saberes no local. A memória vista deste modo é construtora de múltiplas histórias (DELGADO, 2010).

DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Os saberes produzidos no cotidiano a partir da prática de vida, são conhecimentos alçados em modos de viver, na qual os sujeitos sociais que produzem tais saberes são protagonistas de suas próprias histórias, e estas histórias são importantes de serem conhecidas na escola, lugar de aprendizagem e construção de conhecimento. As identidades construídas por elas a partir do contexto de suas localidades, nos permitem dizer como Hall que a identidade é uma construção social, histórica e que ela é elaborada a partir do cotidiano (Hall, 2006).

As maneiras como as mulheres desenvolvem suas trajetórias de vida e elaboram narrativas sobre seus contextos vivenciais, são aspectos importantes de nossa análise. Tais saberes e história de vida, em nossas reflexões, são tomados como educacionais, pois, possibilitam pensar um outro modo de educar e ensinar história, onde a produção do conhecimento histórico parte dos espaços não acadêmicos para contextos acadêmicos, pensando a partir deste um currículo intercultural, em que no campo do ensino de história, na formação docente propicie que os saberes calcados no cotidiano (CERTEAU, 1994).

As histórias narradas por mulheres jovens e idosas, que fazem parte do acervo de suas memórias e que vêm à tona através de suas lembranças e relembrações assumem um papel fundamental em nossa pesquisa, uma vez que podem nos fornecer meios para entendermos, a partir



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

dos múltiplos olhares, o que as mulheres têm a nos contar sobre suas próprias vidas com base num mergulho feito através de seus fazeres (ALBERTI, 2004b; DELGADO, 2010).

Chamamos atenção de que existem conhecimentos, considerados como não científicos, uma vez que são tecidos na tradição oral, nas experiências cotidianas e que transcendem espaços e tempos e que, por isso, estão fora dos cotidianos da escola. Conseqüentemente, no contexto dos registros oficiais escolares, sobretudo do currículo formal, não adquirem sua devida importância e dimensionalidade. As mulheres e suas histórias de vida são um campo importante dos estudos historiográficos sendo importante entender estes sujeitos sociais em suas diversas nuances (MATOS, 2010).

Ao optarmos pelas narrativas de vida e os atos de produção da memória estamos não apenas valorizando saberes e práticas produzidos para além do espaço universitário, mas estamos também propiciando que arquivos de saberes da memória, possam contribuir para novas visibilidades do social e cultural praticados no contexto cotidiano e que fazem parte da identidade social das mulheres possuindo diferentes significados.

Entender contextos não vividos, compreender tempos, espaços e acontecimentos não experienciados pelo/a narrador/a, é um desafio enorme, e que só nos é possível, não em sua completude, complexidade e sentimentos, graças às fontes. Sejam elas fotos, narrativas orais, decretos, vídeos, mapas, jornais, brinquedos, manuscritos e afins. Através das narrativas orais é possível conhecer e registrar, a partir da ótica do/a falante, acontecimentos históricos relevantes para a historiadora e o historiador, em que este pode conhecer uma realidade. Nesta prerrogativa, temos como fim, apreciar a experiência de ser mulher, moradora de assentamento e professora, tendo como fio condutor a experiência de Maria Germane.

Como professora do Assentamento Padre Assis, Maria Germane é uma mulher que enfrenta múltiplos desafios em seu fazer cotidiano, ela trabalha como professora no Assentamento Rural Padre Assis, em Sossego-PB. Moradora do Assentamento há 15 anos, e há 6 é professora. Dentro do universo do Assentamento, é uma das poucas mulheres que é formada. A partir da experiência



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

dela, observamos a complexa realidade que perpassa o contexto do Assentamento Padre Assis, e, em grande medida, o contexto dos Assentamentos da Reforma Agrária.

A política de Reforma Agrária é importantíssima, pois leva dignidade e autonomia para a trabalhadora e ao trabalhador do campo, lhe dando a condição de proprietário da terra e não mais mera mercadoria trabalho. Porém, mesmo estando dentro da política de reforma agrária, a educação não fora efetivamente ofertada para os/as moradores/as do campo, e quanto são, está cheia de problemas e lacunas. A experiência de Maria Germane, nos revela que as posições de destaque para as mulheres ainda são negadas, pois ela é uma das poucas mulheres que assume este lugar, como nos evidencia a complexidade que é ser moradora e professora do Assentamento. A partir da narrativa de Maria Germane, é possível analisarmos sua percepção do Assentamento, mas, também nos mostra as imensas dificuldades que perpassa a docência no campo,

[...] aqui é um ótimo lugar pra se morar, só que ... os custos de vida também ... é ... fácil, mas assim, as pessoas, por exemplo, né, aqui não, não tem emprego, né? As pessoas que viver mesmo da agricultura, mas como a gente tá vivendo um, um tempo assim, muito escasso de chuva, então isso dificulta mais ainda. Então as pessoas têm que ir buscar campos de trabalho nas cidades, né? Cidades grandes, no caso, porque, por, as pequenas aqui também não tem.

O fato de ser professora, para ela, é importante visto que em sua opinião, não trocaria os/as meninos/meninas do campo pelos/as da cidade, mas, evidencia os problemas e os desafios que é ser professora do Assentamento:

[...] a dificuldade que nós temos [é] em termos de acesso, por exemplo, eu, particularmente, minha turma é infantil, aí a gente não tem, na Escola nós não temos impressora, não temos mimeógrafo, mimeógrafo tem, mas não funciona, mas que é bem antigo, né? Então assim, a gente tem que passar atividade, como é infantil, a gente que fazer todo na mão. Então, isso pra mim é uma dificuldade, por exemplo, às vezes não tem material na Escola, a gente tem que ir em Sossego pra buscar, então às vezes a gente não tem tempo, é, a correria do dia-a-dia mesmo não deixa a gente com tempo, isso pra mim é uma das maioridades que eu encontro. Mas aqui em termos de dar aula é muito bom, por exemplo, às vezes eu, levo meus alunos para o lado de fora, dou, eu escolho um dia, se eu vou dar aula dentro da sala de aula, seu eu vou dar aula d'baixo de um, um pé de planta, então assim, em termos de espaço a gente tem bastante, nesse ponto aí ... é muito bom.

Em outro momento de sua fala, ela ressalta ainda que:

[...] pra mim é ótimo, eu acho que não sei fazer outra coisa, se não dar aula. Eu gosto muito, é, me identifico muito com a turma do infantil, gosto muito do infantil. E, assim, a experiência pra mim é ÓTIMA, acho que, não sei se, se eu procurasse uma outra coisa pra



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

fazer, seu eu ia me identificar tanto quanto eu me identifico em sala de aula. [...] É muito bom.

Com base na narrativa desta docente é possível captar dois aspectos de sua fala, o prazer pela docência e o ensino no campo, mas também a mesma pontua os desafios e dificuldades que uma docente enfrenta cotidianamente no contexto da educação no espaço rural. Um dos problemas apontados por ela, é a própria formação docente, pois, enquanto ela conseguiu concluir a graduação outras mulheres que atuam na educação do campo não passaram por este processo.

Se atuar no contexto rural como docente, apresentar múltiplos desafios, mas também ensinamentos e a vida destas mulheres consiste numa prática educacional, a mulher que atua no contexto cultural, ao mesmo tempo que também enfrenta desafios, apresenta uma outra faceta da mulher, no contexto cultural, é o caso da cordelista Marinalva Bezerra, ativista cultural na cidade de Esperança-PB.

É notável quando tratamos de cultura produzida por mulheres acabarmos por ver uma história de vida toda baseada em dificuldades impostas pela sociedade a esta mulher, seja por uma exclusão do gênero feminino numa sociedade patriarcal machista ou mais especificamente em qualquer outro ramo na qual o homem é dito dominante.

A cordelista através do personagem Querindina utiliza de seu saber e prática no campo da cultura, para divulgar a arte na cidade de Esperança. Enquanto professora, atua com sua arte de produzir folhetos na sala de aula e fora dela, usando sua poética para instigar os alunos a produção tanto em sala de aula quanto em campeonatos como o FestCordel realizado pelo personagem dela Querindina e o de seu marido Macambira, através do cordel e dos próprios personagens, tentam levar a cultura regional e divulgá-la em outros territórios nacionais.

Com isso, podemos aprender que por mais difícil que pareça nossos caminhos temos que continuarmos a seguir, trazendo isso para a discussão de gênero não difere, haja vista que praticamente todas as mulheres que foram entrevistadas nessa pesquisa relataram algum tipo de dificuldade imposta pela exclusão de gênero. Para isso, levar essa discussão para sala de aula está para além de ressaltar a importância da cultura para a vida das pessoas, mas com a história de vida



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

dessas mulheres podemos contribuir para a quebra de uma sociedade machista que tanto persegue aqueles que não estão dentro de alguns padrões. Estes conhecimentos são importantes de serem integrados a escola, no ensino de história, através da divulgação e produção de saber com base nas produções locais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa nos oportuniza refletir sobre a questão de gênero e geração no campo da educação intercultural, com foco na formação de história a partir das discussões sobre as mulheres, tendo como entrelaços de saberes a questão em torno da memória e história de vida e o diálogo intercultural entre as mulheres e o campo acadêmico. Esperamos, por um lado, que, a partir das reflexões tecidas na pesquisa, possam ser repensados os papéis na escola e de que modo e também as questões atinentes aos saberes da tradição e suas visualizações na prática escolar em processos formativos.

Com isso, almejamos discutir formação docente em história a partir da perspectiva da educação intercultural, memória e identidade quando captados através dos relatos fornecidos por mulheres, o que nos permitirá saber o que pensam sobre suas histórias de vida e sua cultura e conhecer como alunos/as em formação inicial, elaboram suas discussões acerca das mulheres, de maneira que a trajetória de vida destas, visibilizadas pelas suas narrativas possam possibilitar a aprendizagem na escola.

REFERENCIAS

ALBERTI, Verena. **Ouvir contar textos em história oral**. RJ:FGV, 2003

FREITAS, Sônia M. **História oral: procedimentos e possibilidades**. 2.ed. SP:Editora Humanitas, 2006.

DELGADO, Lucília de Almeida Neves. **História oral: memória, tempo, identidades**. 2. ed .Belo Horizonte: Editora autêntica, 2010.



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

HALL, Stuart. **A Identidade cultural na pós-modernidade**. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

MATOS, Maria Izilda Santos. **História das mulheres e das relações de gênero: campo historiográfico, trajetória e perspectiva**. In: Revista Mandrágora, v.19. n. 19, 2013, p. 5-15